

CRENÇAS E RELIGIOSIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

BELIEF AND RELIGIOSITY ON THE CONTEMPORARY SOCIETY

*Grupo Sophos**

Resumo:

Neste estudo, realizado em mutirão, por um grupo de estudiosos que se reúne para aprofundar os fenômenos hodiernos de nossa civilização, apreciamos o desempenho das comunidades religiosas em suas relações com as ciências humanas e como meio de organização social, política e econômica. Relacionando as manifestações da fé com as ciências, com a psicologia, com as normas e com a comunicação mass-media, o artigo descreve as discussões, estudos e conclusões do Grupo de Reflexão Sophos, procurando discernir a nobreza e a pobreza das crenças e da religiosidade em nossos tempos, nas várias camadas sociais e culturais de nossa sociedade.

Palavras-chave: crenças, religião, religiosidade e mídias.

Abstract:

In this study, made by a group of researchers that gather to go deeper on the modern phenomena of our civilization, we appreciate the performance of religious communities on their relationships with the humanities as a mean of social, political and economic organization. Relating the manifestations of faith with sciences, psychology, the rules and mass-media communication, the article describes the discussions, studies and conclusions of the Group of Reflection Sophos, aiming

* *Grupo de Reflexão Sophos*: é um grupo composto por estudiosos de várias áreas do conhecimento: Antônio Sagrado Bogaz, teologia; João Henrique Hansen, literatura e bioética; Leila Marrach Basto de Albuquerque, sociologia; José Maria de Camargo Barros, atividade física e saúde; José Sílvio Govone, ciências estatísticas; José Carlos Benetti, engenharia; Josiane Lazarini, enfermagem e artes; Lucília P.S.C. Barros, problemas de aprendizagem; Maria Aparecida Govone, ciências contábeis; Maria José Ossick, ciências jurídicas; Marcos Tadeu Borges, psicologia; Marcos R.Vaz Pinto, pedagogia, Nanci Bissoli Oliveira, cineasta. É um grupo multidisciplinar, formado em 2010 e que visa aprofundar e refletir temas pertinentes da realidade contemporânea.

to discern nobility from poverty of the beliefs and religiosity in our time, on various social and cultural layers of our society.

Keyword: beliefs, religion, religiosity and media.

Status Quaestionis

A religião sempre esteve no currículo da sociedade humana. Desde os primórdios, o ser humano pratica a religião, com maior ou menor intensidade. Cícero dizia, de fato, que se pode encontrar cidades sem muralhas, sem exércitos e sem palácios; nunca porém se encontrou povos sem templos. Vivemos alguns períodos de grandes confrontos entre a religião e a ciência, sobretudo no advento das ciências humanas, mas também no desenvolvimento das ciências biomédicas. Alguns pensadores modernos propalaram igualmente o declínio da religião diante do racionalismo filosófico. Eram muito comuns as posturas que colocavam a religião como forma primária e ingênua do comportamento humano. No período entre guerras do século XX, havia grande desapontamento com a religiosidade, pelo que se perde a referência com a figura divina. Nas décadas posteriores à II Guerra Mundial, tinha-se a impressão que os jovens e as mentes mais ilustradas sepultariam as práticas religiosas, sobretudo aquelas tradicionais.

Nas últimas décadas, no entanto, as religiões voltaram intensamente às estruturas da sociedade, tomando espaço nos meios de comunicação, no cotidiano dos povos, na ordem econômica e nos confrontos políticos. Não ficou invisível que candidatos políticos que confrontaram a religião perderam muitos eleitores e até mesmo renegaram a si mesmos. Eram resquícios daqueles tempos acadêmicos, onde se renegava a religião (e era chique!). Mais evidente ainda a força com que grupos religiosos se envolveram nos poderes políticos e os manipularam para interesses não públicos. Inegável ainda que o volume financeiro não possa ser ignorado, pois os templos envolvem grandes somas de dinheiro.

Este fenômeno não poderia ficar despercebido. Os estudiosos buscaram entender esta nova realidade. Descortinaram-se aos nossos olhos movimentos religiosos que seriam considerados: medievais, retrógrados e fetichistas. Em tempos de secularização, de avanços científicos e de comunicação virtual, revivemos espiritualidades e espiritualismos tidos como primitivos.

Esta contraposição de ideias da sociedade contemporânea exige muita reflexão e algum pronunciamento. Por ser

assim, o Grupo Sophos de reflexão afrontou esta questão, nas várias áreas, como por exemplo, a sociologia, teologia, filosofia, psicologia, pedagogia, bem como o direito. Estas reflexões devem nos aproximar da realidade dos fatos: a prática religiosa nos dias atuais. Uma evolução da humanidade ou um regresso às suas formas mais primitivas de compreender o universo?

Tendo em vista a pluralidade dos componentes do grupo de estudo, as posições expressas provem de falas de diferentes lugares, portanto assume-se esse vai e vem entre o universal e o particular, como característica da multiplicidade de olhares de quem exercita a tolerância sobre um tema amplo e complexo.

1. Expressão do religioso na pós-modernidade

A religião é o supremo escudo contra o caos, nos ensina Berger.² Ainda mais, o caos nunca é totalmente abolido, está sempre à espreita e se instala, sobretudo, nos períodos de grandes transformações históricas que atravessam as sociedades. E como as religiões acompanham a história, elas também se transformam para recompor suas teodiceias, enfrentar os deslocamentos no mercado de bens sagrados e fornecer plausibilidade às experiências dos homens.

Pode-se afirmar que a pós-modernidade expressa essa experiência caótica coletivamente. Tratar da pós-modernidade envolve considerar o caráter letal, para as instituições, da vitória da modernidade ocidental. Esse processo implica em desintegração das certezas criadas na sociedade industrial e a busca de novas certezas, onde o papel do indivíduo ganha projeção e se superpõe ao coletivo, no esforço de recuperar algum nível de consenso. Beck³ afirma que *a individualização significa que a biografia padronizada torna-se uma biografia escolhida, uma biografia do tipo faça-você-mesmo*. As experiências biográficas, que antes recebia acolhida no grupo, comunidade, família, ou classe agora são interpretadas pelo indivíduo solitário e autossuficiente. *Estas são as dores do parto de uma sociedade de ação nova, uma sociedade de autocriação, que deve inventar tudo, mas não sabe como, com quem fazê-lo e com quem absolutamente não fazê-lo.*⁴

As religiões tradicionais respondem a este processo procurando reinventar-se no âmbito dos seus próprios quadros institucionais, mas esta circunstância oferece oportunidade, também, para experimentos religiosos inusitados, que procuram ocupar os espaços abertos e oferecem novas interpretações.

² Cf. P. BERGER, *El Dosel Sagrado: Elementos para una Sociología de la religión*. Buenos Aires: Amorrotu, 1971.

³ Cf. U. BECK. A reinvenção da política rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: U. BECK; A. GIDDENS; S. LASH. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1997, p. 26.

⁴ Idem, p. 34.

O século XX foi marcado por bruscas mudanças sociais que envolveram o deslocamento de populações em todas as direções do globo. A migração de povos e de pessoas, o desenraizamento e o enraizamento de culturas e de religiões produziram o encontro de diferentes tradições e fecundaram modos sincréticos de *conferir sentido às estruturas sociais da modernidade*.

Em artigo de 2006, o antropólogo Geertz trata da modernização das religiões neste contexto de desterritorialização, oferecendo argumentos que dão conta da experiência pós-moderna. O seu recorte é inusitado, pois religião e modernidade sempre se apresentaram, aos olhos dos teóricos, como antinômicos. Lembro que a modernidade apostou no desaparecimento das religiões e no nascimento de uma sociedade secularizada, com infinitas nuances, de acordo com a utopia de cada um. Pois bem, a sociedade se secularizou, mas também abriu espaço para a diversificação e o descompromisso para com as instituições; neste processo, se abriram novas perspectivas para pertencimentos sociais e culturais. As religiões não ficaram isentas a essas transformações e, em vez da indiferença religiosa, hoje ouvimos um forte rumor de anjos.

Voltemos a Geertz que nos convida:

[...] a estudar a modernização no seio das religiões, a não mais avaliar o avanço ou o recuo “da religião” em geral, mas, sim, apreender os processos de transformação e reformulação de cada religião específica no momento em que ela se vê penetrada, de bom ou de mau grado, pelas perplexidades e desordens da vida moderna.⁵

⁵ Cf. C. GEERTZ, O futuro das religiões. *Folha de S. Paulo*, Caderno Mais! São Paulo, 14/05/2006, p. 10.

Os novos modos de adesão religiosa comportam desde experiências internalizadas, fontes de orientação de vida sinceras, a comportamentos nômades, onde indivíduos praticam experimentalismo em busca de um aprendizado incessante. Entram neste cadinho as tradições de um oriente mitificado bem como crenças nativas, sobreviventes ou recriadas e reinterpretadas do conhecimento científico. Neste processo, o sentido da experiência religiosa anterior é ressignificado à luz de novas crenças, como ocorre com o fenômeno da conversão. Em períodos de identidades líquidas, o comprometimento e o engajamento oferecem oportunidades para o pertencimento social.

Enfim, essa grande diversidade de crenças é acompanhada de modos próprios de adesão às religiões que expressam suas diferentes estratégias para enfrentarem os desafios da modernidade.

2. Perspectiva teológica na sociedade contemporânea

Mais do que nunca estamos à caça das manifestações divinas e sua acolhida, como elemento nucleador da cosmologia do ser humano em nossos dias. De fato, a dinâmica cíclica da trajetória humana nos obriga a repensar os caminhos por onde desfilam os mitos religiosos e suas práticas rituais e místicas. Todas as profecias de um mundo sem religião que afloraram algumas décadas atrás, perderam completamente suas interjeições. Os profetas dos deuses: da tecnologia, das ciências racionais e das pesquisas científicas se calaram diante da explosão de práticas míticas, místicas e ritualísticas que se espalharam pelas luzes da cidade.

O fenômeno das práticas que parecia estar encantado nos espaços camponeses, periféricos e rurais, bem como às pessoas empobrecidas e ignorantes do conhecimento acadêmico, invadiu as regiões urbanas, das periferias para os jardins, dos populares para as universidades, dos artesãos para os cientistas. Naturalmente, por questões culturais e mesmo discriminatórias, os ritos são aparelhados com distinção entre os ignotos e os doutos, entre os pobres e os abrasados, entre os *bregas* e os *chiques*. Para além de suas formas estruturais e de suas roupagens linguísticas e estéticas, notamos simplesmente que são idênticos na busca de respostas semelhantes para a mesma condição humana.

Com o pressuposto de que os fenômenos naturais eram facilmente explicáveis pelos desbravadores das ciências biomédicas, da genética e ciências físicas, seus protagonistas acreditaram que não seria mais necessário levantar os olhos para responder suas próprias questões. Vestiram-se de vaidade cognitiva. Acreditando que as respostas trazidas secularmente pelas crenças alimentadas pelos axiomas filosóficos, os estudiosos das ciências humanas agendaram as exéquias dos rituais religiosos e das suas respostas para o destino humano. Vestiram-se de deuses da razão em ritos secularizados. Diante deste roteiro, preparado nos bastidores do estádio onde as multidões se acotovelam nos centros urbanos e nas periferias sociais, o homem contemporâneo considera a religião como coisa do passado, legado da ignorância e mito a ser esclarecido.

Porque, então, voltou a prática religiosa com tanta força e tanta inferência no tecido social de nossos dias, convivendo com a razão, com as ciências naturais e com as novas descobertas científicas? Faustino Teixeira⁶ aponta que

⁶ Cf. F. TEIXEIRA, *Diferentes opções espirituais em busca do sentido*. In Agenda latino-americana: 2012.

é difícil para o ser humano viver em um estado de tal insegurança ou incerteza. Não há como conviver em um mundo social sem ordenação e significado, pois a exigência humana de sentido é um dado antropológico essencial. Assim, verificamos nesse tempo de opacidades a afirmação e o crescimento de caminhos espirituais diversificados, como mecanismos essenciais de construção de teias de sentido em um mundo fragmentado.

Teologicamente, descobriu-se que ficara um vácuo no espírito humano, pois estas respostas resolviam os questionamentos referentes à história humana, mas não abarca sua história transcendental. A necessidade de transcendência foi ignorada de forma inconsequente, como uma semente que a gente deixa jogada para trás na horta, mas que depois volta silenciosamente cresce com vigor e exige atenção. E como nos recorda Guimarães Rosa, no seu clássico *Grande Sertão, Veredas*, o ser humano sedento bebe qualquer água e se alimenta de qualquer raiz. Tudo isso pode ser bem perigoso, pois águas saciam, mas podem contaminar, raízes alimentam, mas podem envenenar. Este é o painel concreto das práticas religiosas de nosso mundo contemporâneo.

Mesmo que consideremos que muitas destas práticas religiosas que detonam os espaços rituais possam ser questionáveis, chegando mesmo ao charlatanismo, não se pode ignorar que elas conseguiram êxito. As práticas religiosas recolocaram a importância da espiritualidade, sem a qual o ser humano se esvazia e enlouquece. As ciências humanas revelam que a espiritualidade dos ritos dão referência e significado para a dor, o sofrimento e particularmente a morte, levando a compreender os paradoxos que se instalam em nossa existência. Dar sentido não quer dizer eliminar ou curar milagreiramente, mas imprimir significação e impulsionar seu enfrentamento.

Mais ainda, a ética destas práticas voltou a dar parâmetros para o ser humano desgovernado pela moral comunitária, que decretou sua plena liberdade. Considere-se também que cada pessoa precisa de seus próprios limites, para determinar as fronteiras de sua ação livre. Do ponto de vista da religiosidade podemos falar em liberdade somente quando definimos as margens de nossas possibilidades. Acenamos que nas manifestações religiosas mais tradicionais (divergem-se, digamos das produções de religiões, como Goethe falava da produção de políticos profissionais), a boa conduta ou a pureza de coração são as vias principais de acesso à experiência religiosa.⁷

⁷ Cf. J. A. MARINA. Opinião sobre a religião. In: *Agenda Latino-americana 2012*.

Procuramos entender a partir da teologia, estas manifestações de Deus. Deus é mais que uma fenomenologia dos ritos humanos, pois caso contrário não sobreviveria aos percalços e impactos dos vários setores das ciências. Mesmo que permaneçam os teimosos e presunçosos da cosmovisão contemporânea da *morte dos deuses*, no substrato humano prevalece a força e a graça divina que sustenta a existência em todos os seus aspectos fundamentais. Durkheim ensina que a prática religiosa é uma força dinâmica capaz de fortalecer o espírito humano no enfrentamento da adversidade.

Mais que ignorar os fatos, que se evidenciam aos nossos olhos cotidianamente, é preciso tomar pé da situação. Faz-se necessário compreender o fenômeno, equilibrar suas práticas, para que o uso indevido e instrumentalizado dos rituais religiosos não provoque sua rejeição. O que, profeticamente se espera das práticas religiosas é que haja melhor equilíbrio entre o providencialismo e a inserção libertadora destas práticas religiosas, que o Deus revelado não seja a teologia da resignação e da retribuição, mas uma espiritualidade do não conformismo e da transformação social. Deus é força de transformação e não apenas consolador das misérias humanas. A prática religiosa em seu modelo contemporâneo exige profetismo e não se entregar ao providencialismo divino, que é, na verdade, entorpecente nas lutas libertadoras do povo oprimido.⁸ Assim como o uso irracional e desequilibrado da liberdade, pode levar à sua própria rejeição, a manipulação desregrada dos ritos provoca sua refutação e sua negação.

A construção dos mitos e ritos sofrem a interferência dos desdobramentos culturais e naturais, mas segue seu curso normal, contribuindo para inovar as práticas religiosas. Ao passarmos da simbologia do universo camponês para o universo urbano e do universo urbano para o universo virtual, notamos que a essência humana continua na construção de ritos que sejam eficientes para celebrar suas crenças e eficazes na elevação de sua mística. Fundamentalmente, o ser humano é marcado pela mesma busca transcendental que sempre se revelou, desde os tempos das cavernas, passando pelos tempos das fixações agrícolas, emigrando com ele, nos tempos das navegações. Nem podemos dizer que este fenômeno emigrou, dado que estava presente em todos os povos e em todos os lugares do universo das descobertas. Pertence ao ser humano, como seu elemento constitutivo. Granés⁹ anota que devemos ter a precaução de não descuidar hoje daquela *dimensão espiritual que ultrapassa toda a expressão cultural humana*, aquilo que nossos antepassados chamaram

⁸ Cf. A. P. BALTO-DANO. A mudança social começa com a transformação da ideia de Deus: providencialismo, pragmatismo resignado e neoliberalismo. In *Agenda Latino-americana 2012*.

⁹ Cf. M. GRANÉS. O que expressam as religiões e não morre com elas. In: *Agenda Latino-americana 2012*.

de Deus. Se caso nos esquecermos disso, então ficaremos presos na pura animalidade.

Os meios de comunicação revelaram sua eficiência nesta guerra epistemológica, aproximando universos distintos, que se encontravam apenas em rodas de amigos, plateias acadêmicas, assembleias eclesiais e folhas de papel. Como serviram para o encontro e o confronto entre estes universos (razão e fé, ciência e religião), continua servindo de palco virtual e real para seu diálogo e compreensão mútua. As ciências teológicas e da religião são os moderados desta conversação plural.

O diálogo continua aberto, uma vez que surgiram novas premissas no encontro entre as cosmovisões religiosas e o universo científico. A fé e a razão continuam ocupando o espírito humano, portanto não podem fragmentá-lo, mas equilibrar seu olhar transcendente, para o divino, e seu olhar imanente, para a história.

3. Psicologia e religião contemporânea

A palavra *Religião* pode ser entendida etimologicamente através de duas raízes. Uma vem de *religare*, que remete a uma aliança com Deus, onde o clero da Igreja Medieval julgava ser a casta eleita para fazer a intermediação entre os homens comuns e Deus. A outra vem de *religere*, que significa uma observação cuidadosa de si mesmo ou também uma releitura.

A atitude religiosa autêntica seria aquela que facilitaria o processo de individuação, que cria um indivíduo psicológico, uma unidade autônoma e indivisível, uma totalidade; é um processo contínuo cuja meta é o próprio desenvolvimento pleno da pessoa. Este indivíduo vive em sociedade, então a relação entre aspectos pessoais e coletivos pode ser mediada pela religião, tendo a possibilidade de constituir uma relação subjetiva do homem com seu meio, especialmente a sociedade ocidental moderna.

A religião exerceria uma importante função psíquica para o homem, no sentido de levá-lo a uma realização profunda, e teria como componente fundamental a experiência do numinoso, que em termos psíquicos seria uma fascinação do ego por uma manifestação arquetípica, algo extraordinário, como uma revelação. É, portanto uma experiência exclusivamente subjetiva e individual, ocorrendo através de uma prática religiosa, uma confissão numa comunidade de fieis.

O homem moderno conserva traços de valores religiosos que o culto à matéria, à massificação e à dessacralização do

mundo não conseguiu apagar. O racionalismo presente na sociedade ocidental moderna dificulta o processo de individualização citado. Então, uma importante característica da religião é o seu ponto de referência extramundano, oferecendo ao indivíduo um ponto de apoio em oposição ao mundo racional e materialista, designando a atitude particular de uma consciência transformada pela experiência do numinoso. Aí é imprescindível uma participação ativa diante deste fenômeno através de um diálogo com o mundo em suas condições psíquicas, históricas, sociais e políticas.

Podemos verificar que nos polos desta condição acima podem ocorrer, de um lado, um contato com vivências profundas e ao mesmo tempo sem sentido religioso autêntico onde, se não há um ego bem estruturado, a vivência deixará de ser mística e passará a ser uma vivência psicótica na qual o consciente pode se desagregar. No outro polo, a ausência da dimensão espiritual faz com que a existência humana seja determinada, neste momento histórico, pelo “sonho de consumo” para o preenchimento de um vazio existencial. Então, faz-se necessário o resgate da verdadeira dimensão espiritual através da vivência do sagrado, em conjunto com um equilíbrio entre a razão e a matéria, com a ampliação da consciência e o encontro de um sentido de ser no mundo. Isto, portanto torna-se um grande desafio da atualidade no nosso mundo contemporâneo.

Outras considerações: (com relação às pessoas que têm a espiritualidade como um dos valores mais importantes em suas vidas):

- Sentem e acreditam a divindade como fonte de energia para sua disposição interior, direcionando-a para suas ações e seu viver cotidiano. O desenvolvimento de suas vidas tem uma linha condutora ligada a Deus, determinando seus valores e suas potencialidades, proporcionando equilíbrio psíquico.
- O sofrimento físico e / ou psíquico sendo superado com o auxílio da religiosidade constituindo-se como uma forma de desenvolvimento psicológico e como fonte de fortalecimento da psique, onde a saúde nasce da força interior do indivíduo, tendo condições crescentes de superação de problemas.
- No caso particular do cristianismo, Deus, através da vida e ensinamentos transmitidos por Cristo e seus seguidores, *configura-se como um modelo de identificação*, semelhante ao que representa um pai para

um filho que está se desenvolvendo, norteador e dando base por meio de valores, mostrando atitudes concretas. Cristo, Maria e os santos da Igreja Católica também se colocam no papel de interlocutores, conselheiros, amigos, acolhedores de mágoas, desesperos e revoltas.

- Através do Sacramento da Penitência ou Reconciliação católico, no ato da confissão, torna-se possível o acolhimento dos aspectos e comportamentos considerados negativos ou reprovadores que são inerentes a todo ser humano, e de suas mágoas e ressentimentos. Para a confissão, quando ocorre o exame de consciência, proporciona-se autêntica reflexão e posterior retomada de atitudes compatíveis a um viver mais equilibrado. O perdão divino provoca um *alívio psíquico*, assim como quando se é convidado a exercer o perdão humano nas suas relações.

O processo psicoterapêutico tem um *aspecto confessional*, semelhante à confissão católica, onde os aspectos sombrios da vivência humana encontram acolhida podendo ser trabalhados psicologicamente. A sombra humana precisa ser conhecida e elaborada no processo de individuação. Na dinâmica terapêutica junguiana, onde se considera a religiosidade como um movimento natural da psique, deve-se acolher e proporcionar uma boa continência para as manifestações espirituais do paciente, que podem ocorrer através do discurso verbal, em sonhos ou outros meios de expressão, como os artísticos por exemplo. Cabe ao terapeuta identificá-las, favorecer seu desenvolvimento e trabalhar sempre conservando uma posição neutra, jamais impondo seus valores éticos e sua crença religiosa ao paciente.

A necessidade de filiação, proteção e harmonia, e o sentimento de pertencer a um grupo, são comuns aos seres humanos. A participação em uma comunidade religiosa cumpre em grande parte esta necessidade em função do engajamento nas atividades e trabalhos exercidos na igreja a que pertencem. Neste exercício de convivência e acolhimento ocorrem muitas vezes relações onde a fraternidade propicia uma verdadeira vivência interior dos sentimentos de filiação e proteção, contribuindo para o equilíbrio psíquico dos indivíduos e dos grupos de convivência. Mesmo os conflitos humanos naturais aí existentes, se bem elaborados, ajudam no crescimento e na maturidade das pessoas envolvidas.

4. Ciência e religião

A história mostra uma relação complexa entre ciência e religião, onde a convivência entre ambas muitas vezes foi conflituosa. A religião foi acusada de atravancar o avanço científico recorrendo ao sobrenatural, como também, impondo regras e proibições às pesquisas científicas. Por sua vez, o método científico muitas vezes considerou os resultados científicos como verdades absolutas.¹⁰

Os posicionamentos sobre os diferentes aspectos da vida podem variar de uma religião para outra. Mesmo dentro de uma determinada religião, as posições sobre os diferentes assuntos podem variar de uma época para outra. Tanto as religiões quanto as ciências, são construções humanas, sujeitas a equívocos, e mudam com o passar do tempo, devido a diversos fatores.

Na Idade Média, muitos acontecimentos negativos eram atribuídos a castigos de Deus. Particularmente, em relação à Igreja Católica, esta época era caracterizada por uma luta de poder entre esta instituição e aqueles que pretendiam explicar a natureza de uma forma científica.

A partir do Renascimento, com o avanço da ciência, ocorreu uma perda de espaço e credibilidade da religião, quando muitos acontecimentos, antes atribuídos à vontade divina, passaram a ser explicados cientificamente. Neste período, a ciência passou a desenvolver seus próprios métodos de investigação distanciando-se da Igreja, gerando momentos de grande tensão. Grandes nomes apareceram naquela época, como Galileu Galilei (1564-1642) que, embora católico convicto, defendeu a autoridade da ciência, e teve que se retratar sobre suas teorias referentes ao sistema solar.¹¹

Nos últimos dois séculos houve um grande desenvolvimento científico, com o aparecimento de grandes nomes na ciência, como Charles Darwin no século XIX, que, embora ligado profundamente à Igreja, na Inglaterra, teve a coragem de apresentar suas teorias sobre seleção natural, no estudo da evolução das espécies. Outra área de grande desenvolvimento foi a Física, com a Física Quântica e a Teoria da Relatividade de Albert Einstein. Convém salientar que Einstein, um dos maiores cientistas do século XX era profundamente religioso e sabia conciliar religião e ciência.

Desde o Concílio Vaticano II (1962-65) a Igreja católica tem se posicionado mais para o diálogo com a ciência possibilitando uma compreensão maior de ambas as partes. Salvo em episódios isolados, tem se mantido. O diálogo e o bom

¹⁰ Cf. J. S. CROATTO. *As Linguagens da Experiência Religiosa*. Uma introdução à fenomenologia da religião. Buenos Aires: Editorial Docência, 1994.

¹¹ Ibidem.

senso revelam-se de suma importância para o caminhar da humanidade e para a construção do conhecimento. Ciência e religião se completam no ser humano, permanecendo no seu próprio campo de atuação e ambas interagindo entre si.

Cabe à religião observar o caminhar da ciência, e *ampará-la, se necessário, no sentido que a ética esteja sempre presente*, tanto no momento de se desenvolver os experimentos científicos, quanto na aplicação dos mesmos, de forma a respeitar o ser humano, os animais e o meio ambiente. Cabe à ciência observar a religião, no sentido que ocorrências de fenômenos que possam ser explicados cientificamente não sejam atribuídas a milagres divinos.

Juntas contribuem para a construção de um mundo melhor onde as desigualdades sociais sejam minimizadas e cada ser humano tenha uma vida digna, respeitosa com suas necessidades espirituais e materiais, satisfeitas.

5. Religião e direito de escolha

Ao falar-se de religião nos deparamos com a escolha ou opção do indivíduo por uma crença, que encontra amparo na Constituição Federal, no artigo 5º, VI, que estipula ser inviolável a liberdade de consciência e de crença, assegurando o livre exercício dos cultos religiosos e garantindo, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias.

A opção por uma crença religiosa pode ter seu início no nascimento dos filhos. Os pais, engajados numa religião, ou até mesmo por tradição familiar buscam a Igreja para formalizar o batismo dos filhos e assim, tendem a encaminhá-los a fazer parte do povo de Deus e desta forma, cumprir o seu papel diante da igreja.

Esta opção dos pais, muitas das vezes, com a maioria dos filhos, é renegada e estes são levados a optarem por outro caminho, ou outra crença, amparados pela liberdade expressa na Constituição Federal do Brasil, visto estarem livres de qualquer intervenção de poderes constituídos ou instituições.

Portanto, a religião por uma escolha que tem início com a aceitação do batismo, seja por um encaminhamento dos pais ou opção o direito individual está garantido, independente da crença.

Outro ponto que está legalmente amparado, embora intrinsecamente, é a educação religiosa, bem sabemos que em relação aos pais não restringe somente à introdução dos filhos aos ensinamentos da Igreja Católica Apostólica Romana ou outra opção religiosa, mas também amá-los, corrigi-los

nos momentos oportunos, vigiá-los de forma coerente, além é claro de dar bons exemplos, conforme a Bíblia aponta em suas passagens evangélicas, que servem como apoio aos pais e ensinamentos aos filhos.

Na educação, o pai não dará ao filho alguma coisa que lhe será prejudicial, como exemplificado no evangelho de Mateus: “Quem dentre vós dará uma pedra a seu filho, se este lhe pedir”.

Ainda, a liberdade de crença consoante ensina Silva, em sua obra, também tem amparo legal, na escolha:, que

a liberdade de escolha da religião, a liberdade de aderir a qualquer seita religiosa, a liberdade (ou o direito) de mudar de religião, mas também compreende a liberdade de não aderir a religião alguma, assim como a liberdade de descrença, a liberdade de ser ateu e de exprimir o agnosticismo. Mas não compreende a liberdade de embarçar o livre exercício de qualquer religião, de qualquer crença...¹²

Com a liberdade religiosa, com o amparo legal, estamos presenciando a busca incessante por uma religião, seja essa ou aquela, por vezes até várias ao mesmo tempo. Não existe conflito em nossa legislação, a liberdade de religião permite que o indivíduo faça sua opção com liberdade e o amparo necessário.

Um fato que vivenciamos atualmente, é a disputa entre instituições em busca de adeptos tentando impor conceitos e fundamentos e, por consequência, acabam esbarrando no direito do indivíduo, muitas vezes levando-o a descrença nessas instituições. Com essas imposições externas o indivíduo é pressionado por seus conflitos internos dos valores fundamentais, ou seja, o direito de liberdade individual.

6. Mídia e religião: observações necessárias

Observando a sociedade desde as últimas décadas do século passado, percebe-se um aspecto do comportamento social bastante singular no que diz respeito à religiosidade. É muito fácil ligar a televisão ou o rádio em um programa religioso. Eles podem ser de inúmeras denominações religiosas e formatos, visto as inúmeras expressões de fé presentes na sociedade brasileira neste início de século.

A ciência vaticinou nos séculos XVIII e XIX o fim da religião, mas ainda hoje o ser humano busca na fé religiosa respostas sobre a sua existência e sentimentos.¹³ A religião

¹² Cf. J. A. SILVA. *Curso de direito constitucional positivo*. 5ª ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1989.

¹³ Cf. A. MARCHIONNI. *Ética: a arte do bom*. Petrópolis: Vozes, 2008.

¹⁴ Cf. F. TEIXEIRA. Diferentes opções espirituais em busca do sentido. In: *Agenda latino-americana* 2012.

¹⁵ Cf. S. BUDKE. Mídia e religião: das peregrinações ao universo das telecomunicações. In: *Revista Eletrônica de estudos e pesquisas do protestantismo*, v. 8 (2005).

¹⁶ Cf. K. K. BELLOTI. Mídia, Religião e História Cultural. Em *Revista de Estudos da Religião* 4 (2004), pp. 96-115.

¹⁷ Cf. E. D. T. CABRAL. Mídia e religião: busca de lucro ou valores? *Boletim Eletrônico Sete Pontos*, 5/ 38 (2007), disponível em <http://www.comunicacao.pro.br/setepontos/38/midirelig.htm>.

ocupa um papel importante na ordenação da realidade e na afirmação do sentido da existência. É uma opção para o enfrentamento das ameaças de um mundo em transformação e fragilizado na vida interior.¹⁴

Este texto, com foco na presença cotidiana de temas religiosos na mídia, em especial na televisão, visa mostrar os usos e os sentidos que essa mídia religiosa vem alcançando na sociedade brasileira, e qual a sua influência na ação de uma religiosidade mais autônoma e individualista que hoje encontramos. Estas reflexões decorrem de leituras e análises de artigos e livros publicados sobre o assunto, citados no decorrer do texto.

Estudar estes aspectos implica em lidar com questões complexas e de difícil entendimento. As reflexões dizem respeito às principais denominações religiosas do momento entre as quais o catolicismo, protestantismo, pentecostalismo e neo-pentecostalismo, embora se observe, também, na mídia, programas que enfocam outras denominações religiosas e de origem oriental. Saliencia-se que este texto não faz uma análise teológica ou avaliação sobre os programas comentados, vistos apenas como fenômenos sócio-religiosos.

Hoje, além dos encontros específicos nos seus templos com pregações, doutrinação, proselitismo, cultos e adoração, as religiões estão também na mídia.¹⁵ Isto pode ser questionado em alguns casos, visto que, algumas vezes não se percebe se os objetivos dessa mídia são os valores religiosos ou são programas que disputam audiência e influência com programas de espetáculos, shows musicais, esportivos e de variedades.

Mídia é aqui entendida como o conjunto de meios de comunicação audiovisuais (TV, radio, etc.) serviços de telefonia de atendimento, impressos (livros, revistas etc.) e virtuais, além de outros meios como camisetas, adesivos, etc.¹⁶ Este tema - mídia e religião – tem despertado interesse e já foi motivo de congressos e simpósios.

A religião católica, majoritária no Brasil, está presente na mídia, inicialmente de forma conservadora. No caso da Igreja Católica, no século XV o papa Inocêncio VIII escreveu um documento sobre a mídia, o *Inter Multiplices*, exigindo censura para as publicações, pois afirmava que muitas ideias contrárias à fé e aos bons costumes estavam sendo difundidas.¹⁷ O Concílio Vaticano II (1962-65) tratou especificamente deste tema e elaborou um o documento *Inter Mirifica*. É um documento marcado pela abertura que caracterizou os documentos desse concílio. É um documento relevante

reconhecendo que a ação pastoral deve utilizar os meios de comunicação, suas tecnologias e espaços, incluindo o cinema e teatro. Também, sobre este assunto se posicionou a Conferência Episcopal Latino-americana (CELAM) nas suas reuniões de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007).¹⁸ Desde os anos 70 do século passado, a igreja católica verificou a importância dos veículos de comunicação para a evangelização dos povos. Então, ocuparam-se pequenos horários da programação no rádio e televisão. Hoje vai além e adquire veículos de comunicação para divulgar os valores cristãos.¹⁹ Entre as redes de televisão católicas contamos com a Rede Vida, Século XXI, Canção Nova, Rede Claret que têm entre suas atrações nomes nacionais como Padre Marcelo Rossi, Padre Fábio de Melo, entre outros.

Os produtos da mídia religiosa, ainda que constituídos com objetivos específicos de evangelização e instrução, etc., podem ganhar outros sentidos quando partilhados com um público heterogêneo em relação à religiosidade e cultura. Religiosidade é um conceito importante nesta análise. Entende-se por religiosidade a forma e o sentimento com que cada indivíduo vive suas crenças e práticas religiosas, independentemente de estar filiado a uma instituição religiosa.²⁰ A religiosidade pode ser inconstante, sujeita a questionamentos existenciais, a pressões e incentivos do grupo. Por isso, ela é conceito que deve ser considerado para se entender a mensagem recebida de programas da mídia religiosa.²¹

Porém, existem outros conceitos de religião como o apresentado por Marchionni²² como sendo *um conjunto organizado de pessoas cujo objetivo é a união do homem com Deus. Trata-se de uma Religião Adulta, estudada e praticada, que evolui do estágio infantil para o maduro, distinguindo-se do fanatismo e do puro sentimentalismo, como também, da religião praticada apenas como tradição social*²³ e cultural, diferenciando-se ainda das filosofias cósmico-espiritualistas panteístas.

Falar *dessa religião* em tempos de pós-modernidade e de religião midiática significa contrariar ideias pré-concebidas de liberdade. Esta religião vive da obediência filial ao Criador (e aos pastores), enquanto na pós-modernidade a ideia de obediência a poderes superiores não faz sentido. O catolicismo, e outras poucas denominações, ousam se posicionar frente a questões éticas impopulares, buscando ser ouvida.²⁴ Este conflito pode ser uma das razões do surgimento de muitas denominações religiosas, *mais tolerantes em termos de obediência, ética e racionalidade.*

¹⁸ Cf. J. T. PUNTEL. *Inter Mirifica*: texto e comentário. São Paulo: Paulinas, 2012.

¹⁹ Cf. E. D. T. CABRAL. *Mídia e religião: busca de lucro ou valores?* Op. cit.

²⁰ Cf. K. K. BELLOTTI. *Mídia, Religião e História Cultural*. *Revista de Estudos da Religião*, 4 (2004), pp. 96-115.

²¹ *Ibidem*

²² Cf. A. MARCHIONNI, A. *Ética: a arte do bom*, op.cit.

²³ *Idem*, p. 234.

²⁴ *Ibidem*.

²⁵ Cf. L. M. S. MARTINO. O paradoxo do sagrado – um estudo da mídia institucional religiosa. *Eccos - Revista Científica*, 3/2 (2001) pp. 51-62.

²⁶ P. BOURDIEU citado em L. M. S. MARTINO. O paradoxo do sagrado, op. cit.

²⁷ Cf. L. M. S. MARTINO. O paradoxo do sagrado – um estudo da mídia institucional religiosa. *Eccos Revista Científica*, v. 3, n. 2 (2001) pp. 51-62.

O uso da mídia como espaço privilegiado de luta é uma especificidade do século atual. No uso da mídia, as religiões *testam* a eficácia do seu discurso, adequando à linguagem religiosa a da mídia.²⁵ Sabe-se que a eficácia simbólica é tanto maior quanto menores explícitos estiverem os instrumentos de controle.²⁶ Assim, a linguagem tende a ser dissimulada, com algumas exceções, e o sentido da concorrência permanece subjacente ao conjunto dos textos e contextos. A luta pelo domínio do campo religioso é uma realidade. A mídia oferece diversos exemplos de como as diferentes ideias religiosas se digladiam na conquista de novos adeptos. Essa violência ainda que não beire os excessos dos fundamentalistas, está sempre presente, principalmente no campo simbólico, cujo espaço de combate é representado pelos meios de comunicação de massa.²⁷

O desenvolvimento da religião mediática obrigará a reformulação das estruturas religiosas que até hoje conhecemos e que foram consideradas “essenciais” para a vivência da fé até os nossos dias. A boa espiritualidade está ligada com qualidades e virtudes do espírito humano, com a capacidade de amor, de compaixão, delicadeza e fraternidade. Mas podem ser desenvolvidas e aprimoradas sem o convívio na comunidade? No santuário virtual, o animador estará situado à distância e fiéis isolados reduzidos às suas vidas individuais. E a essência da vida cristã que é a vida em comunidade na qual o Cristo se revela, onde será encontrada?

Considerações finais

Após leituras, discussões e pesquisas, procurando confrontar visões culturais e abordagens religiosas, concernentes à geração da vida e o destino humano, aprofundamos o fenômeno da religião e das crenças dentro da sociedade contemporânea, considerando as práticas de vários grupos religiosos, assim como a resposta das várias ciências para este argumento.

Recordamos a frase emblemática que soava pelas ruas de Paris em tempos de monarquia: *o rei está morto, viva o rei*. Parafraseamos igualmente: *a religião está morta, viva a religião*. Reconhecemos que este é um tempo onde o fenômeno religioso, *pediu carona* nos instrumentos contemporâneos de comunicação e de organização social e voltou a imperar em tantos espaços sociais e políticos. A própria religião extrapolou os limites dos templos e entrou nos estúdios de rádio e televisão, nas redes sociais, nos espetáculos musicais e tanto mais. Mas isso merece uma séria apreciação, pois existem

muitas controvérsias no exercício dos ritos, na pregação das doutrinas e na organização de seus sistemas operacionais. Descobriu-se há séculos que a religião é carregada de culturas e ideologias. Evidenciou-se nestas décadas que a religião é embebida de interesses financeiros e econômicos.

O sentimento religioso difere-se, portanto do fenômeno religioso, que por sua vez se distancia da organização religiosa. Praticar uma religião saudável, coerente e sem hipocrisia é o que se espera para todos os fiéis neste novo milênio.

As religiões não somente acompanham a história, mas também podem transformar para recompor suas teodiceias, para enfrentar os deslocamentos no mercado de bens sagrados e fornecer credibilidade às experiências dos homens.

A experiência caótica coletiva, nesta pós-modernidade, faz com que as religiões tradicionais respondam a este processo, procurando reinventar-se no âmbito dos seus próprios quadros institucionais. Por outro lado, esta situação oferece oportunidade, também, para experimentos religiosos inovadores, que procuram ocupar os espaços abertos e oferecem novos caminhos. Mesmo considerando que muitas destas práticas religiosas são fortemente questionáveis, não se pode ignorar que elas conseguiram êxito.

O século XX foi marcado por grandes mudanças sociais como a migração de povos e de pessoas, o entrelaçamento de culturas e de religiões, que produziram o encontro de diferentes tradições e fecundaram modos sincréticos de conferir sentido às estruturas sociais da modernidade. As grandes profecias de um mundo sem religião, que afluíram algumas décadas atrás, perderam suas interjeições. Os profetas dos deuses, da tecnologia, das ciências racionais e das pesquisas científicas diante da explosão de práticas míticas, místicas e ritualísticas que se espalharam pela aldeia global ficaram, evidentemente, surpresos. Porque, então, voltou a prática religiosa com tanta força e tanta procura na sociedade contemporânea, convivendo com a razão, com as ciências naturais e com as novas descobertas científicas?

O homem moderno conserva traços de valores religiosos que o culto à matéria, a massificação e a dessacralização do mundo não consegue apagar.

A psicologia entende isso como uma necessidade de filiação, proteção e harmonia, pelo que o sentimento de pertencer a um grupo é comum aos seres humanos. A participação em uma comunidade religiosa cumpre em grande parte esta necessidade em função do engajamento nas atividades e trabalhos exercidos na igreja a que pertencem.

A opção por uma crença, no sentido de uma opção religiosa, tem seu início com o nascimento dos filhos. Os pais, dependendo da sua opção religiosa, engajados na mesma, ou até mesmo por uma tradição familiar buscam seus caminhos.

A opção dos pais muitas das vezes, com o passar dos anos, *especificamente com a maioria dos filhos*, dependendo do grau ou do ramo dos estudos e até conhecimento acerca dos meios científicos são levados a optarem por outro caminho, mas faz parte da liberdade do indivíduo, que está livre de qualquer intervenção de poderes constituídos ou instituições, optar pela sua liberdade religiosa.

A procura pela comprovação da influência da espiritualidade na saúde e bem estar do indivíduo deixa de ser um assunto abstrato, faz a espiritualidade sair da subjetividade, com várias pesquisas apontando tanto para resultados positivo como também para resultados sem alterações físicas, mas nenhum aponta com resultado prejudicial a saúde. Isto demonstra um campo aberto que favorece sempre novas pesquisas e observações a serem desenvolvidas.

A religião também está na mídia. Na religião católica, o Concílio Vaticano II tratou especificamente deste tema e elaborou um documento *Inter Mirifica*. É um documento reconhecendo que a ação pastoral deve utilizar os meios de comunicação, suas tecnologias hoje apresentadas, pode-se inferir que todas as denominações religiosas buscam o espaço na mídia.

Resumindo, podemos entender que apesar de tanto proclamarem que a religião estaria morrendo, ela se renova cada vez mais, envolvendo neste processo o próprio conhecimento do indivíduo, sua crença, sua religiosidade e sua formação ética. O conhecimento científico não interfere na escolha de como aplicar a sua religiosidade, pois a mesma é motivada pela busca da essência espiritual e da crença que o homem ministra em sua função.